

Larosière pede a bancos que apóiem Plano Baker

ZURIQUE — O diretor-gerente do Fundo Monetário Internacional, Jacques de Larosière, pediu ontem aos bancos comerciais para que cooperem, "no seu próprio interesse", na execução do Plano Baker. Em uma conferência proferida no Instituto Suíço de Estudos Internacionais, Larosière disse que os países endividados fizeram "progressos impressionantes" e tanto eles quanto os bancos envolvidos fortaleceram suas posições financeiras graças a uma "colaboração pragmática e efetiva" entre ambas as partes e as instituições financeiras multilaterais.

Elogiou, em especial, a "estreita cooperação" entre o FMI e os bancos comerciais, mediante a qual as instituições apoiaram com novo financiamento e reprogramação de pagamentos os programas de ajuste combinados com o Fundo.

Desde meados de 1982, o FMI concedeu US\$ 34 bilhões em créditos a 72 países, enquanto os bancos desembolsaram US\$ 27 bilhões em novos empréstimos e reprogramaram pagamentos que envolviam mais de US\$ 140 bilhões, disse Larosière.

A desaceleração do crescimento nos países industrializados em 1985 — acrescentou — atrasou a solução do problema da dívida, ao rebaixar os preços das exportações dos países do Terceiro Mundo, aumentar o protecionismo e paralisar os financiamentos bancários.

O financiamento comercial aos países em desenvolvimento, assinálou, aumentou 7% em 1983, 3% em 1984 e no ano passado não houve crescimento.

LIDERANÇA

O Plano Baker, continuou, constitui um "marco útil de co-responsabilidade" para apoiar os esforços de todos os envolvidos no problema da dívida e uma "bem-vinda expressão de liderança" dos Estados Unidos de chamar os institutos multilaterais e os bancos comerciais para incrementarem seus empréstimos aos países que adotem programas de ajuste.

O FMI, acentuou, "estudou com muito cuidado" as perspectivas de êxito do Plano Baker e chegou à conclusão de que é possível "combinar uma taxa razoável de crescimento nos países endividados com a queda gradual da carga representada pelos juros da dívida". Advertiu, porém, que isso não está garantido e que será possível apenas com o esforço de todas as partes participantes do problema.

"Nenhuma estratégia terá êxito sem participação ampla e ativa dos bancos" — acentuou. "Parece-me que essa participação é no seu próprio interesse, pois somente uma solução satisfatória para os problemas do serviço da dívida poderá proteger, em última instância, os empréstimos pendentes."